

Notas para a compreensão da constituição do sujeito em Freud

Notes for understanding the constitution of the subject in Freud

Rodrigo Peloso Gelamo

Doutor em Educação (UNESP). Professor da UNESP, campus de Marília.
E-mail- gelamo@gmail.com

Resumo

Neste trabalho temos a intenção de compreender o funcionamento do psiquismo freudiano no que diz respeito à constituição do sujeito psíquico. Para isso, vamos analisar um dos mais importantes escritos de Freud: *Esboço de Psicanálise*. Essa escolha se dá pelo fato de entendermos que o autor sintetiza seu pensamento nessa obra, cuja maturidade nos possibilita ter acesso a uma elaboração mais tardia dos funcionamentos e conceituações que pretendemos analisar, a saber: *As regiões do aparelho psíquico*, *O problema da abordagem psicanalítica: ciência e filosofia*; e *As qualidades psíquicas do sujeito*.

Palavras-chave

Sujeito. Psicanálise. Freud. Filosofia contemporânea.

Abstract

In this paper we intend to understand the functioning of Freudian psychism concerning the constitution of the psychic subject in his relation with knowledge. In order to do that, we will analyze one of the most important writings by Freud: *An Outline of Psycho-Analysis*. This choice was made because we think that the author synthesizes his thought in that book, whose maturity makes possible for us to access a later elaboration of the functioning and the conceptions we intend to analyze: *The regions of Psychic apparatus*; *The problem of the Psycho-Analysis approach: science and philosophy*; and *The psychic qualities of the subject*.

Key-words

Subject. Psycho-analysis. Freud. Contemporary philosophy.

Delimitação do problema

Freud afirma, em sua obra *Esboço de Psicanálise* (1975), que a psique humana é dividida em duas instâncias psíquicas: uma que é material e se dá nas relações perceptiva e neuro-cerebral e outra que compreende os atos de consciência, que não é facilmente descrita. Vejamos o que diz Freud (1975, p. 169) a esse respeito:

Conhecemos duas espécies de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar, seu órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou sistema nervoso), e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum outro tipo de descrição.

Entendemos que a primeira instância descrita na passagem acima poderia ser estudada pelas ciências preocupadas com o funcionamento cerebral e comportamental. Mas, os atos de consciência não poderiam estar submetidos à mesma explicação científica feita no caso anterior.

Pensar a vida mental de modo a não separar o que é físico do mental parece-nos ser uma das principais inovações e contribuições que Freud traz ao pensamento de seu tempo. A tentativa de romper com o dualismo existente entre o corpo biológico e o espírito, pensando a relação entre estes dois funcionamentos da vida psíquica, já é por si só um problema filosófico (ASSOUN, 1983). Apesar da intenção antidualista, Freud se depara com uma limitação da ciência neurológica daquele momento que contribui para fazê-lo afirmar que não é possível estudar o aspecto da consciência

de outro modo a não ser por ela mesma, por seus *dados imediatos*. Pelo fato de ser composta por dados imediatos, não poderia ser explicada por outro meio e, por isso, deveria ser estudada pelo meio filosófico.

Freud (1975, p. 169) afirma que:

Tudo o que jaz entre eles [sistema nervoso e consciência] é-nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento. Se existisse, no máximo permitir-nos-ia uma localização exata dos processos da consciência e não nos forneceria auxílio no sentido de compreendê-los.

Nesse sentido, para entender a relação existente entre ambos, seria necessário estudá-los de maneira tal a separá-los para compreendê-los, ou seja, estudar o sistema nervoso com suas relações físicas, e a consciência com suas relações imediatas.

Assim, Freud dá início a uma discussão complexa que, por não poder ser demonstrada pela maneira médica, recorre à filosofia para auxiliá-lo a compreender e explicar seu problema, a saber: o que é e como se constitui o psiquismo humano nessa relação entre os dados imediatos da consciência e o aparato corporal?

Com o intuito de entender esse problema, vamos seguir as duas hipóteses lançadas por Freud acerca de como estaria fundado o aparelho psíquico, que seria, para ele, a base do conhecimento humano. Para ele, a primeira hipótese

[...] está relacionada com a locação. Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e

de ser constituído por diversas partes - ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. (FREUD, 1975, p. 169).

A segunda hipótese pode ser sintetizada na seguinte passagem:

Ela explica os fenômenos concomitantes supostamente somáticos como sendo o que é verdadeiramente psíquico, e assim, em primeira instância, menospreza a qualidade da consciência. (FREUD, 1975, p. 183).

Apesar de deixar clara a necessidade de se estudar de forma separada as características do psiquismo, conforme podemos notar, Freud as coloca em harmonia, ou, poderíamos dizer, em consonância, já que as hipóteses freudianas vêm corroborar isso. A primeira delas afirma que o aparelho psíquico é extenso no espaço, com isso rompe com a possibilidade de se supor que exista um espírito detentor dos processos de consciência. Na segunda hipótese, ele reafirma o antidualismo dizendo que os fenômenos *supostamente somáticos* são também psíquicos. Desse modo, não teríamos uma consciência separada de um corpo, conforme apresentavam as teses dualistas (cf. ASSOUN, 1983, p. 55-57) de base cartesiana, em que a consciência estaria sediada no espírito, o qual, por sua vez, teria total independência dos processos corporais.

Nossa intenção não é estudar essas duas hipóteses freudianas para afirmá-las ou negá-las. Não é também desenvolver ou resolver com Freud a problemática da relação entre a mente e o corpo, mas entender de que modo se dá seu pensamento

sobre o aparelho psíquico humano e como ele elabora a possibilidade de entendimento do sujeito psíquico capaz de conhecer.

Vamos, nas seções subsequentes, desenvolver o modo como Freud entende o sujeito psíquico e o modo como se daria, para ele, o processo de conhecimento a partir desse modo de pensamento. Para isso, vamos estudar separadamente, conforme o próprio Freud apresenta em *Esboços de Psicanálise* (1975), as regiões do psiquismo e as qualidades psíquicas para entender o funcionamento de cada uma delas. Posteriormente, vamos relacioná-las para entender como o psiquismo se constitui como um todo. Finalmente, vamos apresentar como se dá o processo de conhecimento a partir de um sujeito psíquico freudiano.

As regiões do aparelho psíquico

Para Freud, o aparelho psíquico é dividido em três *áreas* ou *regiões* de ação psíquica: *Id*, *Ego* e *Superego*. Essa divisão entre as áreas do aparelho psíquico não é inata. Elas vão se separando com o processo de vivência do sujeito. O sujeito nasce com uma única área do psiquismo. A partir dela as outras áreas se constituem.

Freud explica que a mais antiga dessas localidades é o *Id*.

Ele [id] contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está assente na constituição - acima de tudo, portanto, os instintos, que se originam da organização somática e que aqui [no id] encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas. (FREUD, 1975, p.169-170).

As regiões do psiquismo, assim, se dividem a partir do *Id*, que é recebido como herança desde o nascimento.

Com as influências do mundo externo, o *Id* se transforma. Uma porção dessa área se diferencia para constituir outra região à qual se atribui o nome de *Ego*. Podemos dizer que, com a construção do *Ego*, o psiquismo se complexifica. Isso porque, para Freud (1975, p. 170), o *Ego* funciona de modo tal a “[...] receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos [...]”, assim, surge “[...] uma organização especial que, desde então, atua como intermediária entre o *id* e o mundo externo”. O *Ego* funciona, assim, como um receptor dos estímulos do mundo externo ao indivíduo e dialoga com ele, por um lado, e responde às exigências do *Id*, por outro.

O *Ego* tem uma função especial no aparelho psíquico. Nas palavras de Freud (1975, p.170),

Ele [o *Ego*] tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos *externos*, desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com os estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos *internos*, em relação ao *id*, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mun-

do externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações.

O *Ego*, então, não seria apenas uma parcela do *Id*, ou sofreria suas determinações, mas seu surgimento é “[...] determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos” (FREUD, 1975, p. 171), os quais podem ser tanto externos quanto internos.

Assim como acontece com o *Ego*, sob a influência do mundo externo a terceira área do psiquismo, o *Superego*, se constitui. Freud (1975, p. 171) afirma que

O longo período da infância, durante o qual o ser humano em crescimento vive na dependência dos pais, deixa atrás de si, como um precipitado, a formação, no *ego*, de um agente especial no qual se prolonga a influência parental. Ele recebeu o nome de *superego*. Na medida em que este *superego* se diferencia do *ego* ou se lhe opõe, constitui uma terceira força que o *ego* tem de levar em conta.

O *superego* se separa do *Ego* sob a influência direta do mundo externo, especialmente dos pais. Essa é a última área a se desenvolver na constituição do psiquismo.

O *Superego* tem como objetivo a socialização do indivíduo, o respeito às leis e a tudo aquilo que é exigido do mundo externo. Outra característica do *Superego* é a de, segundo Freud (1975, p. 173), “[...] colocar novas necessidades em evidência, mas sua função principal permanece sendo a limitação das satisfações”. Com o surgimento dessa terceira área do psiquismo, o *Ego* sofre a influência de mais um elemento e tem que atender às suas exigências. Essa área funciona com um

mecanismo de controle, que poderíamos chamar aqui de controle social sobre o *Ego*.

Id e *Superego* possuem algo em comum: “[...] ambos representam as influências do passado - o *id*, a influência da hereditariedade; o *superego*, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas [...]” (FREUD, 1975, p. 171). Ambos colocam o *Ego* sob controle: de um lado, requisitando que ele satisfaça as pulsões reprimidas, de outro, impedindo que as pulsões sejam investidas displicentemente.

A partir do exposto, podemos afirmar que, em Freud, existe um psiquismo que se desdobra, por assim dizer, em um sujeito “tripartite” do *Id*, responsável pelas heranças genéticas e instintivas; do *Superego*, que surge a partir das vivências com os pais e com o mundo externo, com a característica de controlar o investimento das pulsões; e, por fim, do *Ego*, que busca preservar a consciência das influências e exigências do *Id* e do *Superego*, a função do *Ego*, assim, seria a de negociar com as instâncias que afetam a consciência. Apesar dessa tripartição, não podemos dizer que o sujeito psíquico possa ser separado em três diferentes sujeitos como se fossem elementos estanques, uma vez que funcionam coextensivamente.

O problema da abordagem Psicanalítica: ciência e filosofia

Apresentadas as regiões do aparelho psíquico, resta-nos entender de que modo surgem as funções qualitativas do psiquismo do sujeito freudiano. Freud observa, em *Esboço de Psicanálise* (1975), que não poderia ficar centrado apenas nos fatos fisioló-

gicos, ou mesmo nas regiões, se quisesse entender o funcionamento do psiquismo como um lugar em que a consciência do sujeito se produz. Isso porque não há, naquelas regiões do psiquismo, um modo de explicação que pudesse expressar seu funcionamento psíquico como um todo, principalmente no que diz respeito aos processos psíquicos, tais como: *consciência, pré-consciência e inconsciência*. Por esse motivo, Freud dá atenção especial para aquilo que nomeia como qualidades psíquicas. Vejamos o que ele diz a esse respeito:

Descrevi a estrutura do aparelho psíquico e as energias ou forças que nele são ativas, e delineei num exemplo notório a maneira como essas energias (principalmente a libido) organizam-se numa função fisiológica que serve ao propósito da preservação da espécie. Nada havia, nisso tudo, que demonstrasse a característica inteiramente peculiar do que é psíquico, à parte, naturalmente, o fato empírico de que esse aparelho e essas energias são as bases das funções que descrevemos como nossa vida mental. (FREUD, 1975, p. 182).

Freud chama de forças ou energias psíquicas um modo de organização fisiológico no qual o *Id*, o *Ego* e o *Superego* se relacionam e se produzem, e não encontra aí explicações suficientes para o entendimento do psiquismo. Por esse motivo, encaminhou a discussão para algo que diz respeito à segunda hipótese levantada por ele, apresentada no terceiro capítulo de *Esboço de Psicanálise* (1975). Essa hipótese pode ser sintetizada no seguinte objetivo, a favor do qual Freud pretende argumentar para melhor explicar o funcionamento do psiquismo. Vejamos o que diz a esse

respeito: "Voltar-me-ei agora para algo que é exclusivamente característico do psíquico, e que, na verdade, de acordo com opinião largamente aceita, coincide com ele, à exclusão de tudo o mais" (FREUD, 1975, p. 182): a consciência.

Freud escolhe iniciar a argumentação pela *consciência* porque, para ele, é isso o que há de central no que respeita aos processos exclusivamente psíquicos. Primeiramente, como faz questão de ressaltar, por ser um *fato sem paralelo* e, depois, porque *desafia qualquer explicação ou descrição* (FREUD, 1975, p. 182).

Para Freud (1975, p. 182-183),

[...] quando se fala da consciência, sabemos imediatamente, e pela experiência mais pessoal, o que se quer dizer com isso. Muitas pessoas, tanto ligadas à ciência [psicológica] quanto estranhas a ela, satisfazem-se com a suposição de que só a consciência é psíquica; nesse caso, a Psicologia não terá senão de fazer a discriminação entre fenômenos psíquicos, percepções, sentimentos, processos de pensamento e volições.

No entanto, uma pesquisa que se concentrasse apenas nesse modo de caracterização da consciência ficaria restrita à explicação, tão somente, do modo de funcionamento consciente. Se fosse assim, bastaria fazer apenas as descrições dos elementos que a constituem para se ter uma imagem clara do funcionamento psíquico.

Por não concordar com esse modo simplista de entendimento, Freud traz uma problemática ao entendimento do psiquismo como sendo algo exclusivamente referente à consciência ao afirmar que

os processos mentais da consciência são concomitantes aos processos físicos. Assim,

[...] não haveria alternativa para a pressuposição de que existem processos físicos ou somáticos concomitantes aos psíquicos e que teríamos de reconhecer necessariamente como mais completos que as seqüências psíquicas, visto que alguns teriam processos conscientes paralelos a eles, mas outros não. (FREUD, 1975, p. 182).

Desse modo, não se poderia atribuir consciência a um espírito que esteja separado de um corpo, uma vez que, para Freud, o "processo de tornar algo consciente está, acima de tudo, ligado às percepções que nossos órgão sensoriais recebem do mundo externo". É a partir do entendimento de que o processo psíquico é composto de outros elementos que Freud dá ênfase aos processos somáticos para entender até que ponto as suposições dessa separação são equivocadas quando da explicação das qualidades psíquicas.

Essa concepção é contrária ao modo predominante de entendimento do psiquismo de seu tempo. Freud (1975, p. 183) afirma que "A maioria dos filósofos, entretanto, assim como muitas outras pessoas, discute isso e declara que a idéia de algo psíquico ser inconsciente é autocontraditória". Freud rompe com essa produção filosófica acerca do psiquismo, pois, somente rompendo com esse paradigma, pode iniciar sua "*filosofia*" do sujeito psíquico. Esse modo de proceder se constitui como *filosofia* principalmente por postular o estudo das qualidades psíquicas como sendo, também, responsáveis pelo processo de pensamento e, assim, pelo psiquismo do sujeito, mas

que não se limitam a um fazer puramente filosófico. Assim, afirma que, para se entender a constituição do psiquismo, seria necessário um saber específico que pudesse pensar essa relação entre o mental e o físico. Para ele, esse saber seria a Psicanálise, porque ela

[...] se baseia em observações e experiências a que se chegou através do veículo de nosso aparelho psíquico. Mas visto que a *nossa* ciência tem por assunto esse próprio aparelho, a analogia acaba aqui. Efetuamos nossas observações através do mesmo aparelho perceptivo, precisamente com o auxílio das rupturas na seqüência de ocorrências 'psíquicas': preenchemos o que é omitido fazendo deduções plausíveis e traduzindo-as em material consciente. Desta maneira, construímos, por assim dizer, uma seqüência de ocorrências conscientes que é complementar aos processos psíquicos inconscientes. A relativa certeza de nossa ciência psíquica baseia-se na força aglutinante dessas deduções. Quem quer que se aprofunde em nosso trabalho descobrirá que nossa técnica tem fundamentos para defender-se contra qualquer crítica. (FREUD, 1975, p. 184).

A Psicanálise, assim, se funda em um método baseado em observações e experiências para se chegar à caracterização exigida para o entendimento do que é o aparelho psíquico.

As qualidades psíquicas do sujeito

Freud utiliza o procedimento psicanalítico para pensar o psiquismo do sujeito no que respeita às qualidades psíquicas. Logo no início do capítulo *Qualidades Psíquicas*, Freud (1975, p. 184) afirma que "Não há necessidade de caracterizar o que

chamamos de 'consciente'". Para ele, a consciência "é o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum. Tudo o mais que é psíquico é, em nosso ponto de vista, 'o inconsciente'. Logo, somos levados a fazer uma divisão importante nesse inconsciente" (FREUD, 1975, p. 184).

Nossa pergunta a Freud, no que diz respeito aos processos qualitativos do psiquismo, poderia ser colocada da seguinte maneira: se os processos psíquicos são, em sua maioria, inconscientes, com apenas alguns lampejos de consciência, como é que essa passagem da inconsciência para a consciência se daria? Como poderíamos, então, chegar a um processo de pensamento que fosse consciente?

Esta parece ser uma das novidades que Freud traz ao estudo de seu tempo e que nos é de interesse especial. Para responder a isso, vamos recorrer ao modo como Freud tratou o aparelho psíquico no que diz respeito às qualidades psíquicas *conscientes, inconscientes e pré-conscientes*.

Freud (1975, p. 185) assume uma primeira separação qualitativa ao afirmar que

Atribuimos, assim, três qualidades aos processos psíquicos: eles são conscientes, pré-conscientes ou inconscientes. A divisão entre as três classes de material que possui estas qualidades não é absoluta nem permanente. O que é pré-consciente se torna consciente, como vimos, sem qualquer assistência de nossa parte; o que é inconsciente pode, através de nossos esforços, vir a ser consciente, e, no processo, temos muitas vezes a impressão de estar superando resistências muito fortes.

Quando se fala em qualidades do psíquico, todo conteúdo que há no psi-

quismo é, a princípio, inconsciente. No entanto, em alguns momentos, esses conteúdos estão em outro estado qualitativo: o da consciência. Os conteúdos de nosso pensamento variam, assim, entre a *consciência, a pré-consciência e a inconsciência*. Para melhor compreender essas qualidades psíquicas, temos que entender como Freud explica o movimento dos conteúdos mentais e a mudança qualitativa que os conteúdos sofrem no psiquismo.

Conforme apontado anteriormente, todos os conteúdos mentais que não são herdados são assimilados do mundo exterior ou interior pela consciência. Esses conteúdos são adquiridos pela percepção que o indivíduo tem do mundo e de si mesmo, seja ela interna ou externa. Apesar de toda a dificuldade em se caracterizar o processo de consciência, Freud (1975a, p. 118) afirma que

[...] do fenômeno da consciência, podemos pelo menos dizer que esteve originalmente ligado à percepção. Todas as sensações que se originam da percepção de estímulos penosos, tácteis, auditivos ou visuais, são as mais prontamente conscientes.

Os conteúdos, uma vez adquiridos pela consciência, podem tornar-se pré-conscientes ou inconscientes. Quando os conteúdos não estão em uso ficam num “lugar” em que, a qualquer momento que a consciência necessitar deles, prontamente estarão disponíveis. A pré-consciência serviria, assim, como ponto de apoio à consciência, no caso de necessidade de acesso a determinado conteúdo mental poder ser requisitado por ela em sua elaboração mental.

A passagem do conteúdo adquirido pela consciência para o inconsciente se dá pelo processo de esquecimento ou repressão. Esquecer aqui não pode ser entendido como uma extinção da memória, mas como um não acesso aos conteúdos esquecidos. Freud (1975a, p. 115) afirma que

O que é esquecido não se extingue, mas é apenas ‘reprimido’; seus traços mnêmicos estão presentes em todo seu frescor, mas isolados por ‘anticatexias.’ Eles não podem entrar em comunicação com outros processos intelectuais; são inconscientes - inacessíveis à consciência. Pode ser também que certas partes do reprimido, havendo escapado ao processo [de repressão], permaneçam acessíveis à lembrança e ocasionalmente emirjam na consciência, mas, mesmo assim, se encontrem isoladas, como corpos estranhos sem conexão com o restante. Pode ser assim, mas não precisa sê-lo; a repressão também pode ser completa [...].

Conforme pudemos notar, a passagem da consciência para a inconsciência se dá pelo esquecimento pelo mecanismo de repressão, processo que é feito constantemente pelos mecanismos de defesa e autopreservação do psiquismo. A passagem da inconsciência para a pré-consciência e para a consciência não se dá de maneira fácil. Um conteúdo pode tornar-se consciente e, logo após, voltar a ser pré-consciente novamente, mas isso não ocorre na passagem da inconsciência para a consciência ou da inconsciência para a pré-consciência.

O inconsciente seria responsável pelos movimentos ou mecanismos de defesa da consciência do indivíduo. Esses meca-

nismos são chamados *mecanismos de defesa* “[...] porque mediante esses movimentos o ego protege a estrutura consciente do indivíduo, contra agressões do mundo externo, ou contra a emergência de conteúdos internos” (FERRAZ, 2001, p. 22). O inconsciente exerce grande influência no pensamento do indivíduo porque os elementos reprimidos podem ser ameaçadores ao psiquismo. Os mecanismos de defesa do psiquismo impedem que os conteúdos inconscientes se tornem conscientes novamente para preservar a consciência da ameaça.

Os conteúdos inconscientes, então, seriam representações das pulsões que não foram satisfeitas e, conseqüentemente, foram reprimidas e que buscam, a todo momento, retornar à consciência. Na tentativa de acesso à consciência, esses conteúdos sofrem mascaramentos pelos mecanismos de defesa que censuram os conteúdos antes deles atingirem o estado de consciência¹. Segundo Freud, os conteúdos inconscientes são censurados porque são relativos ao processo de *edipianização* do indivíduo.

Os conteúdos edipianos tornados inconscientes são o resultado da interdição do pai sobre o pretendido incesto da criança com a mãe. O incesto ou pulsão incestuosa é um investimento que a criança faz no objeto materno, criando uma rivalidade entre a dita criança e o pai. A este funcionamento Freud nomeou *Complexo de Édipo*, tendo como inspiração a tragédia de Sófocles. O desejo pela Mãe é o principal conteúdo do inconsciente que é mas-

carado e pressiona a consciência a satisfazê-lo.

Os conteúdos inconscientes reprimidos dificilmente se tornam conscientes, mas têm a característica de pressionar a consciência de modo a satisfazer seus impulsos. Segundo Freud (1975a, p. 117),

O reprimido mantém seu impulso ascendente, seu esforço para abrir caminho até a consciência. Ele consegue seu objetivo em três condições: (1) se a força da anticatexia é diminuída por processos patológicos que tomam conta da outra parte [da mente] que chamamos de ego, ou por uma distribuição diferente das energias catexiais nesse ego, como acontece normalmente no estado de sono; (2) se os elementos instintuais que se ligam ao reprimido recebem um reforço especial (do qual o melhor exemplo são os processos que ocorrem durante a puberdade); e (3) se, em qualquer ocasião na experiência recente, ocorrem impressões ou vivências que se assemelham tão estreitamente ao reprimido, que são capazes de despertá-lo. No último caso, a experiência recente é reforçada pela energia latente do reprimido e este entra em funcionamento por trás da experiência recente e com a ajuda dela. Em nenhuma dessas três alternativas, o que até então foi reprimido ingressa na consciência de modo suave ou inalterado; tem sempre de defrontar-se com deformações que dão testemunho da influência da resistência (não inteiramente superada) que surge da anticatexia, da influência modificadora da experiência recente, ou de ambas.

A consciência sofreria, assim, o efeito das pressões que a inconsciência tem sobre ela na elaboração dos processos do conhecimento, agindo como um *mascarador* (ou enganador) nos processos de pensa-

mento. No entanto, não é apenas o inconsciente o responsável por pressionar o *Ego*. Por outro lado, o *Superego* também exerce pressões. Para Freud (1975a, p. 139),

[...] o ego, antes de colocar em funcionamento as satisfações instintuais exigidas pelo id, tem de levar em conta não simplesmente os perigos do mundo externo, mas também as objeções do superego, e terá ainda mais fundamentos para abster-se de satisfazer o instinto. Mas onde a renúncia instintual, quando se dá por razões externas, é apenas desprazerosa, quando ela se deve a razões internas, em obediência ao superego, ela tem um efeito econômico diferente. Em acréscimo às inevitáveis conseqüências desprazerosas, ela também traz ao ego um rendimento de prazer - uma satisfação substitutiva, por assim dizer.

Podemos dizer que a diferença básica entre as qualidades de consciência, inconsciência e pré-consciência está na forma de acesso aos seus conteúdos: "O que é pré-consciente se torna consciente, [...] sem qualquer assistência de nossa parte; o que é inconsciente pode, através de nossos esforços, vir a ser consciente, e, no processo, temos muitas vezes a impressão de estar superando resistências muito fortes" (FREUD, 1975, p. 182).

A constituição do sujeito psíquico

Freud divide o aparelho psíquico em três áreas: *Id*, *Ego* e *Superego*. Divide as qualidades psíquicas também em três: *inconsciente*, *pré-consciente* e *consciente*. Duas questões surgem a partir do exposto acima: (1) de que modo as regiões e as qualidades se relacionam na constituição do

sujeito psíquico? E, (2) onde é que se localiza o sujeito do pensamento nesse psiquismo? Poderíamos afirmar, ainda que preliminarmente, que o sujeito do pensamento freudiano estaria localizado na consciência e no *Ego*. Se estivermos certos no que respeita à localização do sujeito, outros problemas podem ser colocados: qual é e como se dá a relação entre o *Ego* e a consciência? E, quais seriam os papéis dos elementos, *Id*, *Superego*, *inconsciente* e *pré-consciente* na constituição do sujeito?

Para responder a essas questões, teríamos que retomar algumas discussões feitas anteriormente: a saber (1) o que é reprimido é inconsciente e (2) o que não é reprimido não é necessariamente consciente. Vejamos o que Freud (1975, p.116) diz a esse respeito:

É verdade que tudo que é reprimido é inconsciente, mas não é verdade que tudo que pertença ao ego seja consciente. Constatamos que a consciência é uma qualidade transitória, que se liga a um processo psíquico apenas de passagem. Para nossos fins, portanto, temos de substituir 'consciente' por 'capaz de ser consciente' e chamamos essa qualidade de 'pré-consciente' (*Pcs*). Dizemos, então, de modo mais correto, que o ego é principalmente pré-consciente (virtualmente consciente), mas que partes do ego são inconscientes.

Não podemos, assim, fazer uma aproximação rápida entre o *Ego* e a consciência, pois, conforme afirma Freud, o *Ego* seria virtualmente consciente. No entanto, podemos afirmar que tudo o que seja consciente necessariamente se encontra no *Ego*.

Temos, então, que a qualidade inconsciente é produzida na região do *Id* e

do *Superego*, enquanto a qualidade consciente é necessariamente produzida no *Ego*. No *Ego*, existem ainda os conteúdos virtualmente conscientes, ou seja, pré-conscientes.

Os conteúdos mentais relativos ao *Id* são todos inconscientes. Todo o funcionamento dessa região se realiza de maneira tal que o sujeito não tem consciência de seu funcionamento. Este é o lugar onde “os nossos instintos primários estão em ação; todos os processos no *id* se realizam inconscientemente.” (FREUD, 1975, p. 117). Para Freud (1975, p.188) “A única qualidade predominante no *id* é a de ser inconsciente”.

No que respeita ao *Superego*, não podemos localizá-lo tão precisamente quanto o *Id*. Pensamos que, pelo modo como foi interiorizado, ele deva estar predominantemente relacionado com a inconsciência, dada a repressão que seus conteúdos sofreram no processo de assimilação.

Como pudemos notar, o processo de constituição do *Superego* é feito a partir do desdobramento da região egóica. Esse desdobramento se dá pela pressão externa sofrida pelo *Ego*. Esse processo não se dá de forma consciente, mas sim por assimilação e internalização inconsciente das leis, normas, relações e determinações sociais. Esse processo é responsável pela socialização do sujeito no mundo em que vive. Essa socialização, no entanto, não se dá de maneira tal que o sujeito psíquico tenha domínio consciente do processo.

O mesmo podemos dizer a respeito do modo como esses conteúdos afetam o

sujeito depois de serem internalizados: inconscientemente, uma vez que o sujeito não tem consciência de como eles funcionam. Essa região do psiquismo teria a função de pressionar o *Ego* a não atender prontamente o desejo inconsciente do *Id*. Ele serviria como um mecanismo regulador para que o sujeito não produzisse relações sociais que pudessem produzir afetos negativos ao psiquismo.

Nossa suposição inicial de que o sujeito do pensamento estaria localizado no *Ego* não pode ser confirmada. Isso porque as outras regiões do psiquismo são também responsáveis pelos processos de pensamento e de conhecimento de forma inconsciente. Desse modo, teríamos, no sujeito psíquico freudiano, uma instância responsável pelas enunciações conscientes e outra pelas enunciações inconscientes. Podemos dizer ainda que existe um “Eu” consciente e um “Eu” inconsciente. Essa separação - ainda que não se dê de maneira dualista ao modo cartesiano de entender o sujeito, separando o pensar (espírito) do corpo (matéria) - cria uma fissura no processo de pensamento e enunciação do sujeito.

Nota:

¹ Os processos inconscientes como deslocamento e condensação não serão tratados aqui, pois não é objetivo deste trabalho desenvolvê-los. Para melhor esclarecimento, ver: FREUD, S. *As neuropsicoses de defesa e Interpretação dos sonhos*. Confira também, FERRAZ, M. G. C. F. em *Sujeito psíquico e sujeito lingüístico*.

Referências

- ASSOUN, P.-L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- DOLLE, J. M. *Para além de Freud e Piaget: referencias para novas perspectivas em Psicologia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JAPIASSU, H. *Introdução à epistemologia da psicologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago. 1977.180p.
- FREUD, S. *Moises e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. (1939) v. XXIII, p. 11-161.
- _____. *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (1940). v. XXIII, p. 163-237.
- _____. *A divisão do ego e o processo de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. (1940) v. XXIII, p. 305- 312.
- _____. *Algumas lições elementares de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1975c. (1940) v. XXIII, p. 313-321.

Recebido em fevereiro de 2010.

Aprovado para publicação em abril de 2010.